

ETNOMATEMÁTICA COMO PROPOSTA DE DISCIPLINA CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Florismar Moreira Dias¹

Edvania Barbosa de Oliveira²

Denise dos Santos Oliveira³

Luciana Pereira de Souza⁴

RESUMO

O trabalho apresenta uma proposta de inserção da Etnomatemática como disciplina curricular na Educação Escolar Quilombola, tomando como referência a Escola Estadual Quilombola Kalunga Salustriano Pereira das Virgens e os conhecimentos mobilizados em práticas do território. Trata-se de estudo qualitativo e teórico-propositivo, fundamentado em revisão bibliográfica e documental e nas experiências e observações dos autores. A organização sugerida compreende sete eixos: território e roça, construção tradicional, produção de farinha, cultura e Folia, artesanato, objetos tradicionais, memória e oralidade. Como resultado, apresenta-se uma estrutura curricular a ser debatida e validada coletivamente, sem alegar implantação ou resultados de intervenção. A proposta busca aproximar Matemática escolar, cultura, memória e território.

Palavras-chave: Etnomatemática. Educação Escolar Quilombola. Currículo. Saberes comunitários. Educação Matemática.

-
- 1- Universidade Federal do Tocantins (UFT) – e-mail: florisma16@hotmail.com
2- Universidade Federal do Tocantins (UFT) – e-mail: edvania.oliveira@mail.uft.edu.br
3 - Universidade Federal do Tocantins (UFT) – e-mail: denise.santos1@mail.uft.edu.br
4 - Orientadora : Universidade Federal do Tocantins (UFT), Arraias, Tocantins, Brasil. E-mail: lucianap@mail.uft.edu.br

1 - INTRODUÇÃO

A Matemática integra a organização da vida social: pessoas medem espaços, distribuem recursos, estimam quantidades, constroem objetos e estabelecem relações entre formas e grandezas. Apesar disso, os conhecimentos elaborados em práticas culturais nem sempre encontram reconhecimento no currículo escolar. Na Educação Escolar Quilombola, tal distanciamento exige atenção especial, pois os estudantes participam de modos de vida nos quais território, memória, trabalho e pertencimento são dimensões indissociáveis da aprendizagem.

No contexto da Escola Estadual Quilombola Kalunga Salustriano Pereira das Virgens, práticas como a roça de toco, a produção de farinha, a construção com adobe, os instrumentos da Folia e os objetos tradicionais oferecem possibilidades de investigação matemática. O interesse não está em tratar esses elementos como exemplos decorativos de conteúdos prontos, mas em compreender como as pessoas produzem e transmitem saberes ao realizar suas atividades.

A pergunta que orienta o estudo é: como organizar uma proposta de disciplina de Etnomatemática que articule os conhecimentos produzidos nas práticas quilombolas aos conhecimentos matemáticos escolares? O objetivo geral é propor a Etnomatemática como disciplina curricular para a Educação Escolar Quilombola. Especificamente, busca-se reconhecer possibilidades de conhecimentos matemáticos em práticas comunitárias, discutir fundamentos curriculares e apresentar eixos de trabalho construídos em diálogo com a comunidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Programa Etnomatemática, conforme D'Ambrosio (2011), reconhece modos culturalmente situados de explicar, conhecer e agir. Essa perspectiva permite questionar hierarquias que consideram legítimo apenas o conhecimento matemático sistematizado academicamente. Knijnik et al. (2012) contribuem para discutir relações entre práticas matemáticas, cultura e poder; Rosa e Orey (2017) destacam possibilidades de aproximação entre práticas locais e representações matemáticas.

Freire (1996) defende uma prática educativa que respeite os saberes dos educandos e reconheça a importância da experiência na construção do conhecimento. No contexto quilombola, esse princípio implica escutar agricultores, artesãos, construtores, produtores de farinha, foliões e pessoas mais velhas, compreendendo-os como sujeitos que produzem e compartilham conhecimentos. A escola pode construir relações entre essas experiências e a formalização matemática sem desqualificar os modos locais de fazer e explicar.

A Resolução CNE/CEB nº 8/2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, orienta o reconhecimento das especificidades históricas, territoriais, culturais e sociais das comunidades. Assim, a proposta curricular aqui apresentada valoriza a participação da comunidade e a relação entre escola e território, sem defender a substituição da Matemática escolar.

3 METODOLOGIA

A investigação é qualitativa e de natureza teórico-propositiva. A construção do estudo articula revisão bibliográfica sobre Etnomatemática, Educação Matemática e currículo, análise documental das Diretrizes Curriculares Nacionais

para a Educação Escolar Quilombola e experiências, observações e conhecimentos acumulados no contexto escolar e comunitário pelos autores. A Escola Estadual Quilombola Kalunga Salustriano Pereira das Virgens constitui a referência contextual da proposta.

Foram selecionadas práticas e objetos reconhecidos no cotidiano do território, entre eles roça de toco, produção de farinha, adobe, instrumentos da Folia, artesanatos, potes, botijas, tapiti, peneira, quibano e bruaca. Esses elementos foram relacionados a possibilidades de investigação de medidas, geometria, grandezas, proporcionalidade, organização espacial, estimativas e padrões. O produto é uma proposta curricular, não um relato de intervenção implementada. A definição definitiva de conteúdos e procedimentos dependerá de discussão com os sujeitos da comunidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: PROPOSTA CURRICULAR

O principal resultado teórico-propositivo é a organização da disciplina denominada Etnomatemática Quilombola em sete eixos articulados. Cada eixo toma práticas culturais como objeto de investigação e abre possibilidades de aproximação com conteúdos matemáticos escolares, preservando a necessidade de escuta, contextualização e problematização.

1. Território e roça. Roça de toco; localização, área, perímetro, espaçamentos e estimativas.
2. Construção tradicional. Adobe e casas; geometria, medidas, proporção, área e volume.
3. Produção de farinha. Mandioca, tapiti, peneira e quibano; quantidades, capacidade e tempo.
4. Cultura e Folia. Pandeiro, triângulo e caixa; formas, medidas e padrões.
5. Artesanato. Simetria, sequências, geometria, padrões e proporcionalidade.

6. Objetos tradicionais. Potes, botijas e bruaca; dimensões, volume e comparação.
7. Memória e oralidade. Saberes de agricultores, artesãos, foliões e pessoas mais velhas.

No eixo território e roça, podem ser investigados limites, localização, organização das áreas, espaçamento entre plantas, estimativas de produção, área e perímetro. A investigação deve considerar os procedimentos de agricultores antes de introduzir ou comparar fórmulas escolares.

No eixo construção tradicional, a produção de adobe e o planejamento de casas permitem explorar comprimento, largura, altura, volume, alinhamento e proporções, inclusive por meio de medições e modelos.

A produção de farinha oferece oportunidades de analisar etapas de trabalho, capacidade, quantidades, tempo e relações proporcionais. Tapiti, peneira e quibano também podem ser examinados quanto às dimensões e funções. Na cultura e na Folia, pandeiro, triângulo e caixa possibilitam estudar formas geométricas, medidas e padrões, respeitando seus sentidos culturais. Os artesanatos permitem investigar simetria, repetição, sequências e relações entre formas.

Potes, botijas e bruaca podem fundamentar comparações de capacidade, dimensões e volume. Já o eixo memória e oralidade coloca em evidência os modos de contar, medir, comparar e ensinar mobilizados por pessoas da comunidade. Entrevistas e rodas de conversa são possibilidades de registro desses saberes, sempre com respeito à autoria, à contextualização e aos sentidos atribuídos pelos participantes.

A construção curricular é concebida como participativa. Professores, estudantes, famílias, agricultores, artesãos, construtores, foliões e pessoas mais velhas devem discutir quais práticas integrarão a disciplina e como serão abordadas.

O grupo de estudos vinculado ao PPGEMaT pode colaborar na sistematização, enquanto a escola articula o planejamento pedagógico. Não se trata de um currículo pronto a ser imposto ao território.

Entre as metodologias possíveis estão visitas às roças, oficinas, entrevistas, rodas de conversa, medições, elaboração de mapas, construção de modelos, tabelas, gráficos e resolução de problemas. A avaliação pode reunir portfólios, registros de campo, relatórios, produções geométricas e apresentações. É necessário observar tanto a compreensão matemática quanto a capacidade de estabelecer relações fundamentadas entre conhecimentos escolares e comunitários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propõe reconhecer a Etnomatemática Quilombola como espaço curricular de investigação das relações entre Matemática, cultura, território e memória. Os sete eixos apresentados demonstram possibilidades de organização do ensino a partir de práticas conhecidas no território Kalunga, sem pressupor que toda prática contenha automaticamente determinado conceito matemático. O diálogo requer investigar os procedimentos, sentidos e explicações de seus sujeitos.

A contribuição central é a proposição de uma disciplina complementar, e não substitutiva, à Matemática escolar. Como limite, destaca-se que não houve implantação, validação coletiva ou avaliação de resultados de aprendizagem. Etapas posteriores deverão envolver escuta comunitária, elaboração compartilhada de um plano curricular, experiências pedagógicas e análise de seus efeitos. Desse modo, a proposta permanece aberta à revisão e à participação efetiva da comunidade escolar quilombola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KNIJNIK, G. et al. Etnomatemática em movimento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MELO, Éverton Melo de; MATTOS, Sandra Maria Nascimento de; MATTOS, José Roberto Linhares de. Etnomatemática como prática de resistência e decolonização do saber matemático. Revista Areté, v. 24, n. 38, 2025.

ROSA, M.; OREY, D. C. Etnomodelagem: a arte de traduzir práticas matemáticas locais. São Paulo: Livraria da Física, 2017.

SANTOS, Hélio Rodrigues; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Concepção dos/as professores/as quilombolas sobre os desafios e benefícios de ensinar Matemática com base na realidade. Revista Areté, v. 24, n. 38, 2025.